
ROTEIRIZANDO A FALA E A AÇÃO: Experiências da performance virtual na Educação a Distância

Danilo Maciel Machado^(*)
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto^(**)

A EXPERIÊNCIA NASCENDO DA NECESSIDADE

Dois corpos distintos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço e ao mesmo tempo, da mesma forma que um corpo não pode ocupar, ao mesmo tempo, dois lugares distintos no espaço. Esse é o princípio da impenetrabilidade da matéria. Contrariamos esse princípio. Somos professores na modalidade EAD. Não demoramos muito a descobrir que tudo é relativo na acepção newtoniana, cujos postulados remetem às leis que comandam as variações de estado em quaisquer composições físicas e que, por isso, ficam com a mesma forma em todo e qualquer sistema de coordenadas inerciais. O que queremos afirmar com isso é que as tecnologias contemporâneas estão reconfigurando as teorias e permitindo novas análises acerca do tempo, do espaço e, conseqüentemente, das experiências vividas. Eis o nosso objeto de análise neste artigo: nossas experiências docentes na modalidade EAD da Universidade Tiradentes. O objetivo é desvelar a necessidade de um perfil específico desta modalidade que, assim como a presencial, exige características que vão além do saber e do conhecer o que se ensina.

Há cerca de três anos estamos na Universidade Tiradentes em Aracaju/Sergipe. Uma sendo professora de Fundamentos Antropológicos e Sociológicos e o outro atuando como professor de Teoria da Literatura, ambos na modalidade de educação a distância (EAD). Professores das respectivas disciplinas, mas aprendentes da modalidade. Isso porque até então não havíamos trabalhado ou estudado à distância. Tudo era novo, a começar pela construção das disciplinas. Fomos convocados a compor as disciplinas iniciando por suas ementas. Ementa pronta, o passo seguinte foi compor o livro da disciplina da forma mais didática possível, incluindo signos que o aluno pudesse entender à distância e com uma linguagem beirando o coloquial, mas com preceitos científicos. Em outras palavras, deveríamos ensinar da forma mais simples possível, o que, às vezes, demanda o exercício de muitos neurônios para apreender. Aprendemos muito neste processo de

^(*) Graduado em Letras Português – Espanhol (FURG). Mestrado em História da Literatura (FURG). Professor do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Tiradentes (Curso de Letras Português/Espanhol da UNIT EAD).

^(**) Graduada em Ciências Sociais, mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Tiradentes.

escrita, pois compreendemos que de nada adianta pesquisar, teorizar e pensar, se o fruto não é divulgado e mesmo popularizado, por vezes dentro da própria academia. Transformar uma linguagem erudita como as contidas nas obras de Aristóteles, Platão, Karl Marx, Emile Durkheim, Max Weber, bem como as teorias de Pierre Bourdieu, Jonathan Culler e Antonio Candido era o nosso objetivo. Tal tarefa não somente foi um exercício pedagógico, mas também de redação que se revelou muito prazeroso. Conseguíamos com ele, inclusive, entender melhor à medida que exercitávamos uma escrita clara e sem afrescos.

A possibilidade de indicar, dentro do livro, outros textos, filmes, contar uma piada, chamar a atenção para um determinado aspecto, colocar imagens (feitas sob encomenda pela equipe de criação do núcleo de educação a distância) e fazer perguntas, foram formas experimentadas que se revelaram muito significativas para a construção do processo de ensinagem entendido aqui sob a perspectiva de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 195) para quem “a respeito do *método* de ensinar e fazer aprender (ensinagem) pode-se dizer que ele depende, inicialmente, da visão de ciência, de conhecimento e de saber escolar do professor”. As nossas visões de ciência e de literatura foram modificadas com o exercício de escrita do livro de cada uma das disciplinas. Isso porque a ciência não tem que ser inatingível, não tem que ter dialeto próprio, não pode atender a somente uma parcela da sociedade. Ela tem que estar a seu serviço.

O dever, depois da confecção do livro, foi a incorporação de outros elementos próprios da modalidade. A construção de objetos virtuais de aprendizagens, os fóruns, as rotas de consolidação da aprendizagem, os exercícios que deveriam constar como verificação da aprendizagem e, principalmente, os roteiros para as aulas via satélites que, por sua vez, deveriam contemplar, dentre outros elementos, os itinerários das nossas aulas. Foi bastante difícil para um de nós, pois até então não tinha contato algum com câmeras, roteiros, noções de enquadramento, tempo, postura, ou seja, tudo que é exigido para ser um professor-ator, isso porque ser um professor-autor já era muito novo, imagine constar como professor-autor-ator. Não foi o caso do professor de Literatura, pois como também já era ator, precisou apenas e tão somente experimentar as duas vocações que pulsavam em suas veias. Foi assim então que nos encontramos, partícipes de uma mesma história que ora se iniciava e que nos renderia experiências.

Na universidade midiaticizada, nossas experiências de professores da educação a distância na produção de imagem não se reduzem apenas à transposição de posturas que trazemos do ensino presencial. Uma aula via satélite, ao vivo, é uma experiência onde a linguagem se transforma de acordo com a interação. Peças orgânicas do sistema comunicacional devem se compor com vistas a um melhor comunicar na construção de discursos midiaticizados. Assim, elevando a força e o

refinamento da oralidade com possibilidades comunicacionais, ampliamos a forma de ver, talvez, do estudante-espectador. No espaço midiaticizado, corpo e fala atingem a dimensão de performance como linguagem onde nós articulamos ações que repercutem em possibilidades interativas. E nós, docentes, precisamos saber mais sobre essa verdade midiática, pois:

É perceptível que os professores se encontram em período de transição metodológica, causado pela crescente presença dos meios de comunicação nas relações humanas públicas e privadas; e detectou-se [...], que estão conscientes de sua responsabilidade em relação à necessidade contínua de aprimoramento intelectual e profissional. [...] A formação acadêmica da maioria dos professores sem a utilização desses meios defronta-se com a necessidade de preparação dos alunos de cursos de graduação para atuarem em uma sociedade midiaticizada (CARVALHO, 2007, p. 121).

Nas nossas práticas educativas, as experiências da linguagem como performance e a performance orientada por conteúdos devem ser representadas com fins de apropriação. O que, por sua vez, nos rendeu algumas reflexões acerca da forma-educação e da noção de tempo e espaço, conceitos esses que pareciam estar bem delimitados nas nossas práticas escolares/educativas, dentro das quatro paredes da sala de aula. Devíamos, quando da construção das nossas utensilagens didáticas, levar em consideração o tempo de apreensão de ideias por parte dos alunos, mas tendo como referências nós mesmos, afinal, éramos nós que desenvolveríamos os instrumentos. A sua avaliação, enquanto material didático, entretanto, estaria a cargo de uma equipe pedagógica que analisa desde os conteúdos e as formas do livro até a didática dos objetos, fóruns e demais instrumentos que compomos a partir da lógica da Web 2.0. Com tal rotina de avaliação, tínhamos, por certo, um parâmetro para nos guiar quando os voos científicos barravam numa linguagem erudita ou mesmo incompreensível para quem está cursando os primeiros períodos de faculdade.

Um aspecto, entretanto, só dependia de nós, professores. Referimo-nos às vídeoaulas. Por mais que houvesse um diretor de cena, um operador de câmera e um técnico responsável pela transmissão via satélite, as aulas eram nossas. Estávamos ali tal qual um ator de teatro, “ao vivo e a cores” falando para uma câmera, sem necessariamente imaginar que existiam centenas de pessoas do outro lado. Dizemos isso porque nem todo mundo consegue associar à transmissão do conteúdo, um bom desempenho à imaginação do que está por trás das câmeras. Some-se o nervosismo, a preocupação de estar passando a imagem desejada ou até mesmo o que o seu corpo, a sua revelia, está transparecendo. As ações de fala e corpo no momento da sala de aula via satélite devem ser o cerne de toda a construção pedagógica. Eis a necessidade da performance.

SOBRE AS EXPERIÊNCIAS PERFORMÁTICAS

Ao partir do pressuposto de que o professor quer ser entendido, de que as suas práticas são pensadas e reverberadas com o propósito de “transmitir conhecimento” e que a sua atuação deve corresponder as suas expectativas, pois se assim não for a sua aula não tem razão de ser, é que compusemos nossas performances. O propósito, de ambos os professores, era o de que as ações fossem multilinguísticas e que não somente os “conteúdos” fossem transmitidos, mas que a plasticidade da atuação fosse boa e atrativa. E assim, o professor de Teoria da Literatura começou a roteirizar seu primeiro vídeo para o curso de Letras Português/Espanhol. Testemunhou ele:

Gravei o tema “O que é literatura?” porque é uma das primeiras questões presente em aulas, da disciplina de Teoria da Literatura. Fiz o roteiro do vídeo para mostrar em aula via satélite, compondo em cenário conhecido dos alunos, a biblioteca. O vídeo exemplifica, entre poemas, livros e músicas, aspectos introdutórios dos estudos literários. Ainda, um pouco de Crítica Literária para despertar curiosidade científica no pensar a literatura. É um vídeo feito para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilita o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da disciplina (MACHADO, 2012).

E diante da necessidade de se abrir a outras possibilidades dentro do curso, o professor de Literatura formulou roteiros de outros vídeos para serem aplicados nas aulas via satélite. Neles, a Literatura foi considerada objeto artístico da cultura que servia para ensinar a língua. Relata a experiência:

Gravei para apresentar a poesia de *Federico García Lorca* como forma de trabalho com a língua espanhola. Por meio desse tipo de produção de áudio visual, utilizado em aula via satélite, a linguagem é trabalhada para dar conta de habilidades comunicativas. Os artifícios estéticos fazem com que ocorra a compreensão auditiva e a compreensão leitora, e assim o aluno pense a língua espanhola no contexto cultural hispânico. “Lorqueano” tornou-se um vídeo de expressão didática, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade, principalmente porque trabalha o ensino de língua espanhola por meio da literatura. Já “Calificativos Culinarios” é um vídeo que apresenta o uso dos *calificativos*, de forma estratégica, pois elucida, em contexto de uso, algumas expressões na língua meta, o espanhol. O vídeo muitas vezes ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários conhecidos dos alunos, deixando os conteúdos linguísticos dispostos com maior aplicabilidade. Vídeo que mostra o assunto, de forma direta e indireta. De forma direta, quando informa sobre o tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra o tema,

permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares. Nele, uma professora de Língua Espanhola ensina a cozinhar “*Arroz con pollo*”, comida feita com ingredientes da culinária peruana, apresentando o léxico em contexto de uso. Gravei esses, e tantos outros, para ajudar a compor várias disciplinas do curso de Letras (MACHADO, 2012).

A professora de Fundamentos Antropológicos e Sociológicos, por sua vez, além de entrevistas com pesquisadores de algumas das temáticas abordadas e de enquetes sobre determinado tema, fez uso de vídeos de domínio público. Ela também roteirizou vídeos que trataram do nascimento da Antropologia e da Sociologia como ciências, sobre a relação Antropologia-Sociologia e Educação, Direito, Saúde e Tecnologias da Informação e da Comunicação. Sobre isso testemunha:

Quando pedi para a equipe responsável fazer os vídeos, pensei em como o aluno poderia ganhar em termos de conhecimento com as imagens que estavam sendo apresentadas. Foi assim, por exemplo, que pensei a aula sobre o nascimento da Sociologia a partir da Revolução Industrial. Nela, pedi que, ao mesmo tempo em que eu narrava o contexto histórico, político e econômico da Revolução, fossem mostradas imagens de fábricas, filas, desempregados, bêbados, prostitutas, natalidade, mortalidade, mendicância, dentre outras imagens que permitiriam que os alunos vislumbassem um cenário caótico e de onde nasceram os primeiros indícios da Sociologia. Assim como esse, outros vídeos foram montados. Tudo na perspectiva de ilustrar o que se revelava importante dentro das duas ciências que a disciplina contempla. Neste sentido foi prazeroso aprender a ensinar utilizando outros instrumentos, além dos que já estava acostumada (BARRETO, 2012).

E foi em ações multilinguísticas produzidas que se fizeram e desfizeram, no contínuo de imagens virtuais fragmentadas, que nos construímos. Sabemos que a necessidade de se reproduzir como sujeito atuante mais atrativo, pede uma atitude performática. Até porque só é possível dar continuidade ao que fazemos quando temos metas a serem atingidas e a performance aqui está no limite do fazer-se midiaticizado, emissão multimídia (drama, vídeo, imagens, etc.), provocando no estudante-espectador uma recepção que é muito mais cognitivo-sensória do que racional. Assim, o sujeito atuante é mediador entre o contexto e o conteúdo, utilizando ferramentas em sala de transmissão. Sobre isso, afirma Renata Carvalho:

Os professores afirmaram que o uso da TV e do vídeo em sala de aula pode contribuir para que o aluno reflita criticamente sobre a mensagem audiovisual em outros contextos que não o da sala de aula. Logo, pode-se afirmar que os professores compreendem seu papel de mediador quando, ao utilizarem a TV e o vídeo, capacitam

os alunos a lidarem com mensagens audiovisuais quando estiverem em outros locais e situações que não os da sala de aula (CARVALHO, 2007, p. 111).

Cabe salientar que o tempo de recepção de cada um é mediado pela vontade interna de aceitar o diálogo com o que se está comunicando, ou seja, uma educação multimidiática termina por respeitar a maturação que cada indivíduo desenvolve ao seu tempo. O estudante-espectador também se transforma em um atuante no processo, forma ritual de interação, interferindo na performance do docente que está na tela como se estivesse em um palco. Na performance como linguagem, afirmou Renato Cohen: “[...] antropologicamente falando, pode-se conjugar o nascimento da performance ao próprio ato do homem se fazer representar (a performance é uma arte cênica) e isso se dá pela institucionalização do código cultural” (2009, p. 40). E frisamos que estamos na esfera da arte aplicada, arte que apresenta em sua estética criada a necessidade de comunicar temas, capitais culturais, em suma conhecimentos, através do processo de ensinagem.

Ao continuar pensando a performance, que originalmente era analisada somente no campo das artes, nos observamos como atuantes comunicacionais dessa arte aplicada à educação. Aqui, a arte aplicada, a qual delineamos em objetos didáticos, atitude performática de fala e gesto, começa a ser construída para se chegar à espontaneidade da ação de representar. Isso porque a vida é dotada de representações em diversas formas, e nossa forma de representar deve estar associada a gestos e falas que fazem parte da descrição dos conteúdos expostos em linguagem híbrida, a qual o professor midiático se propõe utilizar. Assim, a linguagem multimidiática nos impõe a performance como atitude que é reservada ao melhor comunicar, e, talvez pela falta de seu domínio, temos sempre um conjunto de dúvidas instauradas neste novo fazer-se docente.

Digamos que algumas interações no vídeo-processo se constituam como uma obra em constante mutação, em um sistema híbrido, pois opera com códigos distintos, como: cinema, teatro, literatura, rádio e a computação gráfica. Estas formas de comunicar se tornam mais significativas, porque se adaptam com mais coerência e eficiência aos conteúdos. Digamos que algumas interações no vídeo-processo se tornam mais significativas do que uma conferência habitual presencial. Enfim, quando tomamos consciência de que estamos compondo um outro conceito de professor, gerado por essa crise de outras possibilidades expressivas, encontramos um devir-ser repleto de ações que se (re)constroem em espaços diversos. O que os leva a acreditar que toda ação performática é o desenho do desejo em diversas circunstâncias do ser docente do sistema EAD. E uma das principais problemáticas da nossa experiência está em delimitar alguns elementos de desempenho, na relação como ideologia de fusões de nossas ações, uma arte-estabelecida. Sobre isso Cohen (2009) esclarece:

Tomando como ponto de estudo a expressão artística performance, como arte de fronteira, no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado “arte-estabelecida”, a performance acaba penetrando por caminhos e situações antes não valorizadas como arte. Da mesma forma, acaba tocando nos tênues limites que separam a vida da arte. A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte; A live art. A live arte é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado (COHEN, 2009, p. 38).

A performance na mídia interativa, espaço onde encontramos mais experiência da expressividade, faz nos sentirmos mais atuantes diante da interação com o estudante. A base do pensar diálogos com a nossa formação docente, principalmente quando nos voltamos a sentidos do construtivismo, está presentes em debates no Ambiente Virtual de Aprendizagem e estão cada vez mais naturalizados. Desse modo, percebemos que nossa função, além de aprofundar temas em Fóruns, realiza-se no pensar o código comunicacional utilizado na educação a distância. A linguagem utilizada, essa escrita dinâmica com uso de hipertextos e multimídia interativa, faz nos sentirmos mais próximos de uma geração sempre conectada. A interface utilizada de forma colaborativa, nos fez ver o quanto as articulações de ideais podem centrar as reflexões no pensar tecnicamente, chegando ao científico, progressivamente. E por que não celebrar a sociedade do espetáculo? Sim, as gerações de hoje, nascidas em meio ao espetáculo, estão predispostas a dialogar em telas interativas e imagens animadas. Esta produção precisou do trabalho do designer, muitas vezes executando criação de algo pensado pedagogicamente por nós, professores, de uma maneira geral. O designer produz arte aplicada, imagens que nos ajudam a comunicar, podendo chegar a uma visão mais direta da realidade. Daí o processo de interação tão bem configurado pelos pensadores da modalidade a distância.

A CONFIGURAÇÃO DA AULA EAD

A nossa aula foi pensada e é executada em 100 minutos e está assim distribuída: 25 minutos destinados ao conteúdo; 20 minutos para interação, momento em que os alunos aproveitam para tirar as dúvidas; mais 25 minutos de conteúdo; seguidos de 20 minutos de interação; sendo os 10 minutos restantes reservados para o professor apresentar uma situação problema que deve ser analisada pelos alunos e cujas observações devem ser postadas, em espaço próprio, no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

A interação que ocorre dentro da videoaula pode ser analisada sob alguns ângulos, a exemplo do ângulo dos alunos, dos técnicos, dos pedagogos do processo, bem com do professor que se encontra na condição de ator. É justamente sob esse ângulo que recai o nosso olhar. Isso porque atestamos na prática que o domínio do conteúdo não é condição *sine qua non* para uma boa performance durante a videoaula. Por certo, isso também não é garantia de uma boa aula presencial. No entanto, assim como nas telas de TV, os telões do EAD supervalorizam as imperfeições, mesmo porque as câmeras são de alta resolução. Um exemplo muito significativo do que estamos falando se dá quando a palavra querida não sai de modo algum de dentro da nossa boca. Quando isso acontece em sala de aula presencial os alunos riem, um deles ajuda a pronunciar, o que vai relaxando o professor. O mesmo não acontece no estúdio. Ali só existe o professor e tudo tem que ser, unicamente por ele, resolvido. Os técnicos e o diretor não se envolvem durante a aula. E neste contexto, José Manuel Moran exemplifica questões pertinentes que correspondem a nossa prática:

Como intervenção: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados. O professor precisa perder o medo, o respeito ao vídeo assim como ele interfere num texto escrito, modificando-o, acrescentando novos dados, novas interpretações, contextos mais próximos do aluno. [...] Vídeo como expressão, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários onde muitas crianças possam assisti-los (MORAN, 2008, Web).

Assim, efetuamos um trabalho midiaticizado, ações de fala e corpo, que vêm sendo democratizado como forma-educação. Imagens e sons produzidos por diversos meios de comunicação nos transformam em profissionais que atuam, interpretam, interagem, enfim, redirecionam a situação de pensar o tempo de apreensão de ideias. A forma performática compõe o gesto no vídeo por meio da experiência, lembrando que não tivemos influência formativa para executar o fazer docente com preocupação no gesto comunicável para conteúdos na modalidade

EAD, ou seja, nos forjamos na atitude da experiência. A composição de uma teleaula articula-se num conjunto de expressões associadas a gestos, formas do falar, construindo imagens em outra ordem de discurso. Assim, a experiência comunicacional, voltada para a educação, revela alguns condicionantes de expressividade que nos conduzem à necessidade de síntese de conteúdos. A fala deve ser habitada por uma linguagem onde o corpo ajuda no processo de síntese de conteúdos a serem repensados. Claro, sabemos que no modelo de educação a distância que trabalhamos, a aula via satélite serve para interação, personificando melhor o sujeito-docente que organiza os estudos de uma disciplina.

Outra forma que tivemos que aprender foi como avaliar a distância. Dizemos isso não porque podemos avaliar a quilômetros de distância, mesmo porque as provas são feitas presencialmente, na presença do Tutor, embora sejam elaboradas e corrigidas por nós professores, mas porque há uma série de aspectos que devem ser considerados na tessitura das provas. O primeiro deles é o tipo de linguagem utilizada, que deve ser uma mescla da linguagem performática utilizada nas videoaulas e da linguagem do livro, associada a outras linguagens encontradas nos textos sugeridos, nas notícias que postamos e no próprio cotidiano dos alunos. Este tipo de forma ou fórmula utilizada adveio da nossa prática diária, pois não adiantaria fazer uma prova nos moldes do ensino presencial. As características do EAD, para além da linguagem, devem ser consideradas a começar pelo tipo de questão. Daí a fórmula traduzida em questões objetivas e subjetivas, contemplando o que fora ministrado nas videoaulas, no livro, mas também nos fóruns e nas Rotas de Consolidação da Aprendizagem. A prova deve sintetizar o conhecimento apropriado, pois é a partir dela que os alunos serão avaliados.

É com o olhar de busca de apropriação de conhecimento que baixamos nossas cabeças nas “provas” a fim de encontrar ali os traços do que transmitimos. As avaliações delas, por sua vez, além de considerar o certo e o errado do que fora proposto, devem contemplar também o capital cultural dos alunos. Isso porque além de considerar outras interfaces, o que a caracterizaria a avaliação do EAD colaborativa é a materialização do que construímos ou não. Se levarmos em consideração que essa modalidade, por sua particularidade de poder estudar quando for conveniente ao aluno, sendo obrigatório apenas um encontro presencial semanal, congrega, em sua maioria, alunos já maduros, que trabalham e que têm nela uma oportunidade de ascender intelectual e financeiramente, percebemos o quão complexa é a tarefa de avaliar. Como não considerar as experiências vividas? Como desprezar outro tipo de conhecimento surgido das práticas cotidianas que sobreviveram e sobreviverão sem a academia? Eis o nosso maior desafio.

Outro aspecto muito significativo é o das repercussões de nossas falhas enquanto professor-autor-ator, podendo essas chegarem aos nossos ouvidos de diversas formas, sendo que a mais comum é via Ambiente Virtual de Aprendizagem. Ali no AVA, o professor autor-ator dá lugar a vários outros, pois muitas são as demandas. A começar pelos *feedbacks* que os alunos nos dão, as dúvidas que tiram sobre os conteúdos, sobre a instituição, sobre as perspectivas de trabalho e futuro. Ali também muitos desabafam, querem fazer amizade, contam suas histórias, pedem algo, o que faz do espaço um ambiente propício ao aprendizado que, em muito, transcende o acadêmico. Na perspectiva da cibercultura esse espaço pode se revelar muito significativo para o processo de ensinagem, pois se configura como uma “mídia-cidadã” onde todos podem (re)construir conhecimento e divulgá-lo, como acontece nos fóruns e nas Rotas de Consolidação de Aprendizagem. Na visão de Levy a cibercultura é

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso (LEVY, 2005, p. 92).

Assim sendo, o que a cibercultura nos proporciona é um espaço legítimo de aprendizagens, aberto a múltiplas construções e direcionamentos. Por certo o professor corre riscos, haja vista ele estar sempre tendo que acompanhar as novas teorias e discussões, o que nem sempre é possível, bem como ele perde o controle, como o exercido nas salas de aulas presenciais. Tais implicações da vida virtual trazem à prática docente outras exigências, para além daquelas que compõem o professor-autor-ator que ora se revela também internauta e blogueiro. Trata-se de se conceber como multifuncional. Maria Luiza Belonni analisa a situação e assim se expressa:

Neste início do século 21, quando o futuro já chegou, observamos novos modos de socialização e mediações inéditas, decorrentes de artefatos técnicos extremamente sofisticados (como por exemplo a realidade virtual) que subvertem radicalmente as formas e as instituições de socialização estabelecidas: as crianças aprendem sozinhas (“autodidaxia”), lidando com máquinas “inteligentes” e “interativas”, conteúdos, formas e normas que a instituição escolar, despreparada, mal equipada e desprestigiada, nem sempre aprova e raramente desenvolve (BELONNI, 2002, p.04).

Independentemente da infraestrutura das escolas, o professor de EAD, ou seja, o professor usuário assíduo das tecnologias contemporâneas, tem que dispor, para além do conhecimento do que ensina, de uma série de outros dispositivos que são indispensáveis a sua prática docente, a

exemplo da assiduidade no AVA, da pesquisa constante acerca das várias palavras que por vezes são neologismos, a fim de entender o que é postado, e do exercício de aceitação de algumas posturas, além de arquitetar formas e fórmulas de como o conhecimento da matéria ser atrativo a todos os tipos de alunos, indistintamente. Em suma, não são poucos os desafios do professor de EAD, o que nos leva a afirmar que, embora premido por uma nova forma de educar, muito promissora por sinal, nem todo professor consegue agregar todas essas utensilagens. A EAD exige um perfil específico de professor, exige características/talentos/vocações que vão além do saber e do conhecer o que se ensina.

Quais são elas? A nossa experiência foi suficiente para saber que além de ter a noção de ocupar, metaforicamente, ao mesmo tempo vários espaços, afinal nossa aula no estúdio de Aracaju chega aos 26 polos em todo o Estado e mais o polo da cidade de Maceió, a categoria professor de EAD deveria constar como uma especialidade da especialidade que cada professor já tem no tocante à disciplina ministrada. Dizemos isso a partir de dois lugares que aqui se legitimam: o lugar ocupado por quem tem genuinamente o perfil de professor EAD e o lugar de quem teve que se adequar ao perfil, ambos bem avaliados desde a equipe pedagógica até os alunos de EAD. Tais experiências nos levam a acreditar em dois protótipos da EAD que deveriam constar como critério na hora da efetivação de um professor na modalidade. Quais sejam: A contratação de um professor-autor-ator-mediador, isso porque por mais que a modalidade ainda esteja em construção e serem poucos os cursos que contemplam e/ou oferecem a especialidade, há que se considerar que o tipo de ensino oferecido a distância deve contemplar um profissional vocacionado. O outro protótipo requerido pela modalidade é formação específica para o EAD. Por certo o ensino a distância dispõe de mecanismos que formam professores dentro de seu arcabouço conceitual e prático, como, aliás, aconteceu conosco, entretanto, isto não pode ser uma regra para compor o quadro exigido pela modalidade.

Por fim, estamos sendo conduzidos pelo pensar as nossas práticas com a certeza de que as habilidades desenvolvidas na EAD, considerando indivíduos com suas predisposições a produzir, estão relacionadas ao conceito da multifuncionalidade. Sim, estamos num tempo onde o fazer docente na universidade se metamorfoseou intensamente. As paredes de uma sala de aula podem ser o limite do pensar presencial, mas a EAD liberta-se de amarras por meio das TICs, dando oportunidade de diálogos mais diretos por meio da geração de significações do estudante-espectador. A realidade que discutimos aqui volta-se para as especificidades as quais não fomos forjados em nossa graduação, mas que a nossa proatividade nos conduziu para um devir-ser professor midiático, professor performático, professor roteirista, professor locutor, etc. Nossas

práticas atingem a dimensão do se fazer presente em espaços onde estamos fixados ou não. E nesses espaços estamos sempre em processo de interação, mudando constantemente, com relações simultâneas em conectividades diversas. Ser docente na EAD é estar predisposto à modelagem de dados de nossas ações e falas, isso num contexto de virtualidades onde o nosso sistema cognitivo está funcionando com instrumentos de simulação de predominância visual. Assim, somos referências de hipertextos, multimídia interativa que se renova entre conhecimentos técnicos e científicos, diante dos saberes adquiridos pela experiência. Por isso contrariamos a lei da física.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. *Relato oral de experiência*. Aracaju. 01 de agosto de 2012.
- _____. *Fundamentos Antropológicos e Sociológicos*. Aracaju: UNIT, 2010.
- BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- _____. *O que é mídia-educação?* Campinas: Autores Associados, 2005.
- _____. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. In.: *Revista Educação e Sociedade*. Campinas. Vol.23, n.78. Abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200008. Acesso em: 06 set. 2012.
- CARVALHO, Renata Innecco Bittencourt de. *Universidade Midiatizada: uso da televisão e do cinema na educação superior*. Brasília: Senac-DF, 2007.
- COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CORRÊA, Juliane. *Educação a distância: orientações metodológicas*. São Paulo: Artmed, 2008.
- GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para as novas mídias: do cinema às mídias interativas*. São Paulo: Senac-SP, 2008.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro de pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- MACHADO, Danilo Maciel. *Relato oral de experiência*. Aracaju. 05 de agosto de 2012.
- MORAN, José M. *O vídeo na sala de aula*. Atualizado em 2011. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 08 out. 2012.

RESUMO

Neste artigo buscamos desvelar a necessidade de um perfil específico de professor para a modalidade de ensino a distância (EAD), pois tal qual a modalidade presencial, ela exige características que vão além do saber e do conhecer o que se ensina, distinta do ensino presencial dadas as condições que lhe são próprias. O objeto de análise nesse artigo foram as experiências de dois docentes na modalidade EAD da Universidade Tiradentes, imbuídos da real necessidade de entender e atuar no campo. Analisamos nossas práticas à luz da cibercultura, bem como de nossos próprios processos formativos, o que inclui, em especial, a compreensão de uma universidade mediaticizada, da performance como linguagem e das ações multilinguísticas construídas e dadas a ler, o que nos leva a concluir que modalidade EAD demanda um professor-autor-ator-mediador.

Palavras-chave: EAD. Linguagem. Performance.

ABSTRACT

This article seeks to show the need for a specific profile of a professor for the distance teaching modality (DTM), because, just like the classroom modality, it demands features that go beyond of the knowledge of what is taught, different from the classroom teaching because of its own conditions. The object of this study is the experiences of two professors in the distance teaching modality of Universidade Tiradentes who are imbued of the real need of understanding and acting in the area. We analyzed our practices according to the cyberculture, as well as to our own formative processes, which includes, specially, the comprehension of a mediaticized university, the performances such as language and of multilingual actions made for reading, what can be concluded is that the distance modality requires a professor-author-actor-mediator.

Keywords: DTM. Language. Performance.